



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

METAPESQUISA: PROBLEMATIZAÇÕES EMERGENTES SOBRE GÊNERO E DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Stéfanie Jorge Estevam¹
Ana Lúcia Paula da Conceição²

RESUMO

Este texto tem como objetivo analisar e descrever os modos como os conceitos de gênero e docência na Etapa Educação Infantil são mobilizados em distintas pesquisas acadêmicas. Pergunta-se como o gênero organiza os modos de ser/exercer a docência na etapa da Educação Infantil, segundo a produção científica produzida entre os anos 2020 a 2024? O referencial teórico sustenta-se em autores/as como Louro (2011), Lins (2016), Mainardes (2018; 2021), Rago (1998), Vianna (2013), entre outros/as. Através da metodologia da metapesquisa, analisa-se o material produzido, entre 2020 e 2024, disponível no repositório Catálogo de Teses & Dissertações da Capes. No processo de produção da empiria, foram selecionadas nove pesquisas, que foram organizadas em duas categorias analíticas: o não lugar dos homens na Educação Infantil, em que sete pesquisas foram analisadas; e a importância do conceito de gênero para/com as crianças, com duas pesquisas. Percebeu-se um elemento recorrente em grande parte das pesquisas verificadas: as dificuldades que os homens enfrentam ao adentrar o espaço de uma escola de Educação Infantil, ambiente no qual, majoritariamente, as docentes são mulheres. Muitas dessas pesquisas retratam a associação do ato do cuidado ao feminino, apresentando essas convicções sociais como principal obstáculo às conquistas e mudanças em relação aos preconceitos sofridos pelos professores homens junto às crianças pequenas. Constata-se, como uma das conclusões do estudo, a importância de ensinar o conceito de gênero desde a Educação Infantil, como forma de alterar as relações sociais que determinam os modos de vida de mulheres e homens e consequentemente os lugares de gênero na docência.

Palavras-chave: Gênero; Docência; Educação Infantil; Metapesquisa.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves (RS). E-mail: stefaniejorgeeee@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora do curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves (RS). E-mail: ana.conceicao@bento.ifrs.edu.br

1 DAS INTENÇÕES DA PESQUISA

Em uma aula de física experimental, no Ensino Superior, estavam algumas alunas fazendo a atividade proposta pelo professor. O professor se aproxima e diz:

– Quero ver se vocês servem para ser cientistas ou se servem só para ficar com a barriga encostada no fogão!

Durante a aula, uma criança da sala pergunta:

Profã, que dia é o Dia do Professor?

Respondo:

– É dia 15, na segunda-feira. Será que vou ganhar muitos parabéns?

Ele rebate:

– Não, né! É o Dia do Professor, não é o dia da professora! Você é professora.

Essas cenas do cotidiano da escola, vivenciadas por mim, permitem-me realizar algumas reflexões, sob um olhar atento, uma escuta interessada e a reflexão de como o gênero atravessa e conforma os lugares de homens e mulheres, o que muitas vezes nos leva a naturalizar tais lugares em diferentes contextos sociais, seja na Educação Infantil ou no Ensino Superior. Para tanto, é necessário sacudir os espaços da escola sobre os atravessamentos de gênero nas docências.

Esses temas urgem e, embora tenhamos aquelas professoras atentas, que não deixam escapar um gemido sequer, quando as questões de gênero gritam, é um processo de luta colocar estas questões em evidência nas nossas pesquisas em Educação. Acontecimentos e falas cotidianas, que em alguns casos parecem sem importância, produzem efeitos no contexto educativo e nos permitem realizar algumas interrogações e, com força, construir respostas. Podemos nos questionar sobre como o gênero produz e reproduz os modos como homens e mulheres constroem suas relações em nossa sociedade. Quais sentidos são atribuídos ao trabalho das professoras no contexto escolar? Quais forças estão em ação para produzir a exclusão das mulheres dos contextos educativos?

É preciso interrogar e questionar as evidências se queremos produzir pensamentos que nos mobilizem a desconfiar do instituído, do natural, daquele “sempre foi assim”, que por tantas vezes se repete nas discussões nos espaços escolares. Na nossa cultura, que traz as marcas do patriarcado, muitas mulheres são habitualmente inferiorizadas e violentadas, e as nossas escolhas são

marcadas/atravesadas por gênero, o que produz seus efeitos quando escolhemos por exemplo a nossa profissão, quando recebemos nossos salários e em diversas situações que vivenciamos no decorrer das nossas vidas.

Os contextos históricos revelam que os direitos das mulheres têm sido e continuam a ser marcados por constantes disputas. As conquistas das mulheres são fruto de batalhas intensas, pois nada é concedido; tudo é alcançado através de esforços e resistências. É essencial que nos mantenhamos em um movimento contínuo de reinvenção, luta e busca por uma sociedade que reconheça que as mulheres não são inferiores aos homens. Nessa sociedade, exigimos e reivindicamos nossos direitos para sermos respeitadas, reconhecidas e valorizadas como mulheres.

Esses temas me mobilizam de muitas formas, de modo que coloco em evidência o fato de que, ser professora, é um desejo que carrego em meu corpo/alma. Para mim, ensinar e acolher as dúvidas, diálogos e inquietações é modificar vidas, é permitir que muitas crianças e jovens reconheçam a importância da educação. Entendo e defendo que ser professora é um ato revolucionário. Muitas vezes me questiono: por que eu quero exercer uma profissão na qual a busca por valorização é nosso campo de luta? Por que eu tenho que ouvir constantemente que precisava de muita sorte para atuar na área da educação?

Problematizar e colocar em pauta essas afirmações me mobiliza a compreender os motivos de a carreira docente ser regularmente associada às questões do feminino e à própria desvalorização financeira da profissão, aliada às muitas discussões sobre as relações de gênero no trabalho docente. Regularmente ouvimos nos cursos de formação que a escolha das mulheres pela profissão docente está diretamente relacionada a certas características ditas do sexo feminino, tais como paciência, jeito com as crianças e uma capacidade de resolver problemas (muitas vezes domésticos). Com isso, não estou negando que mulheres são diferentes dos homens, mas é preciso afirmar que essas diferenças são ensinadas às meninas e meninos desde a tenra idade.

Aprendemos reiteradas vezes, durante nossa vida, o modo como devemos nos comportar, as roupas que podemos usar, as profissões que são para as mulheres e, portanto, aquelas que são para os homens. Igualmente aprendemos que nossas conquistas não são dadas, mas compõem historicamente nossos

lugares de lutas. Lutas por direito, lutas pelos nossos corpos, lutas pela vida, já que o Brasil amarga a marca de ser um dos países com maior número de feminicídios, violência de gênero que nos convoca à luta pelo direito das mulheres a suas próprias vidas.

Levando em consideração todos esses pontos, importantes e gritantes dentro da temática de gênero e sobre as violências que enfrentamos e às quais somos colocadas à prova durante os nossos dias e nossa vida, trago como dado vital para a construção desta pesquisa os alertas de violência contra as mulheres no estado do Rio Grande do Sul. Durante a construção e processo de pesquisa, tivemos a amarga notícia de 10 feminicídios que aconteceram em quatro dias. Essas mortes ocorreram de 18 à 21 de abril de 2025 em nove cidades gaúchas: Parobé, Feliz, São Gabriel, Viamão, Santa Cruz do Sul, Serafina Corrêa, Pelotas, Ronda Alta e a cidade de Bento Gonçalves, minha cidade natal e onde moro atualmente. Pensar nesses feminicídios me faz refletir e ponderar ainda mais sobre as violências às quais somos sujeitadas e submetidas. Assim, diante desses acontecimentos que nos rasgam, reafirmamos a importância da emergência dos estudos sobre gênero como modo de desnaturalização da violência instituída e muitas vezes naturalizada em nossa sociedade.

Guacira Lopes Louro (2011)³, em seu livro *Gênero, sexualidade e educação*, mostra que foi a partir da metade do século XIX que algumas mulheres, de classes sociais específicas, começaram a ocupar cargos em trabalhos fora de casa. Segundo a autora, esses empregos eram sempre em cargos de subordinação a homens e em espaços ligados à assistência social, associada, então, a imagem da mulher ao trabalho de cuidado e educação. A partir dessas concepções, é notório que as mulheres sempre foram destinadas a tarefas ligadas como “funções de

³ Ao realizar uma pesquisa que problematiza as relações entre gênero e docência, inspiro-me na minha orientadora, Ana Lúcia Paula da Conceição (2023), que, em sua tese *Relações entre gênero e docência na educação profissional e tecnológica: análise da produção acadêmica entre 2010 e 2020*, defende que a flexão de gênero nas pesquisas é um ato ético, político e pedagógico. Nesse sentido, este artigo adota a flexão de gênero e utiliza o termo “professoras” ao tratar da etapa da Educação Infantil, uma vez que, como apresentado ao longo do texto, essa etapa da Educação Básica é majoritariamente composta por professoras/mulheres. Além disso, opto por apresentar o nome completo dos/as autores/as quando mencionados/as pela primeira vez no corpo do texto, como forma de dar visibilidade de gênero aos/às teóricos/as que produzem conhecimento no campo da Educação, em especial aos estudos do conceito de gênero e docência.

mulher”, muitas vezes segmentando essas áreas relacionando-as a pré-conceitos estabelecidos através da relação de educação e gênero.

Entendemos que gênero produz as diferenças entre mulheres e homens, de modo que uma diferença que vivenciamos atualmente é em relação à disparidade de salários entre homens e mulheres que ocupam o mesmo cargo. Também, o que sempre é deixado de lado são as duplas jornadas de trabalho que as mulheres enfrentam. No ano de 2023, o presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, propôs o Projeto de Lei (PL) nº 1.085, convertido na Lei nº 14.611 de 3 de julho de 2023⁴ (Brasil, 2023). Essa lei tem como objetivo garantir a igualdade salarial entre mulheres e homens, mas infelizmente segue sendo negligenciada, apagada e silenciada. Esse silenciamento produz uma precarização das pesquisas das mulheres e reforça as desigualdades.

Para Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Lins Escoura (2016), a dupla jornada de trabalho das mulheres está majoritariamente relacionada às questões e expectativas de gênero, que associam o cuidado com o lar às mulheres. Louro (2011) destaca a importância de problematizar a concepção de oposição entre mulheres e homens, argumentando que o feminino e o masculino devem se complementar, buscando sempre harmonia e concordância para alcançar objetivos em comum. Por meio de histórias de lutas e enfrentamentos relacionados às relações de gênero, bem como das experiências vividas na área da educação, muitas interrogações surgiram em minha trajetória como acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia e futura professora. Ana Lúcia Paula da Conceição (2023, p. 72) salienta que:

Conceber os aspectos educativos que operam para nos constituir como ‘sujeitos de gênero’ é perceber que a naturalização dos modos de ser homem e ser mulher se organizam de maneira sutil e que as estratégias de naturalização e universalização das masculinidades e feminilidades, compreendidas, muitas vezes como essenciais, podem e devem ser problematizadas e colocadas sob suspeita.

Tenho, como questões que me mobilizam: a desvalorização das profissionais de educação está ligada a essas concepções e relações entre docência e gênero? A

⁴ A Lei Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

compreensão assistencialista que permeia a área da Educação Infantil tem relação com a noção de cuidado associado com o sexo feminino? São questões que nos parecem evidentes, mas que, por estarem tão evidentes, produzem certos modos naturalizados nas pesquisas das professoras com as crianças nas escolas de Educação Infantil, e é preciso e urgentemente problematizar o óbvio.

Louro (2011) afirma que as desigualdades só serão percebidas e combatidas quando estivermos todas e todos atentas(os) para as formas de reprodução naturalizada do que compreendemos ser mulher e homem em nossa sociedade. Reconhecer que essas demandas sociais existem e precisam ser repensadas é necessário para que paradigmas sejam quebrados e as concepções errôneas e inconvenientes sejam extintas. Conceição (2023) salienta que é importante que tenhamos compreendido as formas como homens e mulheres são posicionadas(os) e hierarquizadas(os) em seus contextos sociais, culturais, assim como historicamente, e quais os papéis das relações de poder como produtoras de um modo de ser e viver como homens e mulheres.

A elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso representa, para mim, uma busca por respostas às muitas interrogações que precisam ser destacadas e que provocam inquietações. Através da escrita deste artigo, espero aprofundar a discussão sobre essa temática e ampliar meu conhecimento sobre as relações de gênero e a docência. Meu objetivo é propor alternativas que possam contribuir para o combate às desigualdades e aos discursos simplistas e pejorativos, valorizando as pesquisas docentes dentro das instituições de ensino.

Com a intenção de problematizar sobre estes temas que me mobilizam, que são a docência articulada às questões de gênero no cotidiano escolar, compreendido neste artigo como campo de lutas e disputas, proponho como objetivo: analisar e descrever os modos como os conceitos de gênero e docência na etapa Educação Infantil são mobilizados em pesquisas acadêmicas. Dessa forma, a pergunta construída para orientar do estudo é: como o gênero organiza os modos de ser/exercer a docência na etapa da Educação Infantil, na produção acadêmica produzidas entre os anos 2020 a 2024? Elegi como campo, para produção do material empírico, o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e o recorte temporal dos anos 2020 a 2024.

Dessa forma, o artigo está organizado em três seções, além desta introdução: na segunda seção, intitulada *Gênero e Docência: problematizações emergentes para o tempo presente*, apresento os conceitos e campos teóricos que sustentam a pesquisa. Na terceira seção, intitulada como *Metapesquisa: o que dizem as pesquisas?*, disserto sobre o campo teórico/metodológico da pesquisa e apresento como organizei o campo empírico produzido no percurso de pesquisa. Ainda na terceira seção, na subseção *O Não Lugar dos Homens na Educação Infantil*, inicio a análise do material empírico selecionado, de acordo com a temática problematizada no processo de pesquisa, assim como continuo na subseção nomeada como *A Importância do Conceito de Gênero para/com as Crianças*. Por fim, em *Algumas palavras finais*, apresento as conclusões produzidas através das análises do material empírico, quando aponto reflexões que surgiram ao longo da realização e construção deste movimento potente de pesquisa.

2 GÊNERO E DOCÊNCIA: PROBLEMATIZAÇÕES EMERGENTES PARA O TEMPO PRESENTE

Quando falamos sobre gênero, muitas discussões e dúvidas entram em questão. Mas, o que seria gênero? Para Louro (2011), gênero é uma construção social que leva em consideração características, comportamentos e papéis ligados a mulheres e homens. Joan Scott (1995) afirma que o gênero pode ser utilizado como uma maneira de fazer questionamentos importantes, de modo crítico e significativo. Para uma compreensão mais abrangente, é importante ressaltar a diferença entre sexo e gênero. O sexo pode ser considerado aquilo que é inato, como as características biológicas que diferenciam homens e mulheres: os cromossomos, órgãos reprodutivos e hormônios. Já o gênero, assim como afirmado por Louro (2011), diz respeito às construções sociais que contemplam determinados papéis, comportamentos e expectativas que são ensinados e aprendidos ao longo da vida.

A professora Margareth Rago (1998, p. 93) afirma que “o gênero tornou-se um instrumento valioso de análise que permite nomear e esclarecer aspectos da vida humana com que vínhamos trabalhando, impulsionados pela pressão dos próprios documentos históricos”. Partindo do conceito de gênero, Fernando Seffner e Carlos Eduardo Barzotto (2024) afirmam que, quando se trata de um país economicamente

desigual, como o Brasil, as relações de gênero e sexualidade são deliberadas por inúmeras desigualdades, de modo que estas tendem a se reproduzir dentro das instituições de ensino. Scott (1995) afirma que o termo “gênero” também é usado para determinar as relações sociais entre os sexos, também usado para delimitar certas construções sociais.

Dessa forma, torna-se indispensável que a temática de gênero seja abordada nas escolas, promovendo discussões e debates que possibilitem uma compreensão mais profunda do conceito e dos contextos em que ele se manifesta. Isso deve levar em consideração o histórico de violências e discriminações que ocorrem diariamente em nossa sociedade. Louro (2011) destaca que existe uma dicotomia entre o feminino e o masculino, de modo que essa divisão ou conflito entre dois conceitos ou categorias contribui para a hierarquização de determinados grupos, classes ou relações.

Sempre ouvimos falar sobre as analogias entre homens e mulheres, o sexo masculino ou feminino, mas o homem como primeiro elemento dentro dessas relações binárias. Consequentemente, as relações dicotômicas se fazem presentes também nos aspectos relacionados ao gênero, o homem como figura principal e superior nessas relações, produtor das desigualdades de gênero que posicionam homens e mulheres de forma hierárquica.

Segundo Louro (2011), mulheres e homens são vistos como opostos que se relacionam através de uma lógica de dominação-submissão. Em sua obra, a autora introduz o conceito de dicotomia proposto pela historiadora Joan Scott (1995), que aborda as limitações e impasses provenientes dessa relação de oposição entre dois conceitos. Ao refletirmos sobre a recente inserção das mulheres na educação, especialmente em instituições formais, percebemos com mais clareza as desigualdades históricas.

Somente a partir do século XIX as meninas puderam ingressar nas instituições de ensino, finalmente tendo acesso à educação. Segundo Juliana Keller Nogueira e Analete Regina Schelbauer (2007), a demanda pela educação das mulheres estava ligada à modernização da sociedade e ao processo de higienização da família, conectado à concepção de um sentimento nacional que valorizava a ordem e o progresso. Cláudia Vianna *et al.* (2013) afirmam que a feminização do magistério ocorreu devido a relações econômicas e patriarcais, restringindo-se

principalmente às mulheres brancas de classe média. A autora enfatiza que esse movimento de inserção foi crucial para trazer à tona a luta pela participação das mulheres no campo das pesquisas, considerando que a Escola Normal era a única possibilidade de ensino continuado para mulheres. Segundo Vianna *et al.* (2013, p. 164):

[...] não se trata apenas da presença do sexo feminino, a entrada das mulheres no magistério deve ser examinada a partir das relações de classe e gênero. Podemos então lembrar que se trata de um dos primeiros campos de pesquisas para mulheres brancas das chamadas classes médias, estudiosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, mas também protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica.

Ainda, Nogueira e Schelbauer (2007) apresentam em sua obra a ideia de que a educação brasileira do século XIX tinha como discursos dominantes a noção de que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, priorizando a formação moral e do caráter. Esses discursos estavam relacionados à importância de formar mulheres, mães e donas de casa, sempre ligadas às virtudes religiosas e cristãs. Foi a partir dessas concepções que o magistério passou a ser permitido para mulheres. Segundo Louro (2011), o magistério assumiu relações e práticas por meio das quais a ação das agentes educativas era semelhante à ação das mulheres no lar, como educadoras de crianças ou adolescentes. Nogueira e Schelbauer (2007, p. 83) reiteram que, a partir do século XIX:

A imagem do sexo feminino estava ligada aos ideais de moralidade cristã, pureza, maternidade e patriotismo, a mulher era valorizada como mãe e esposa, o lar seria o seu domínio e o casamento sua principal aspiração. Os ideais positivistas indicaram a mulher para ser educadora da infância base da família e da pátria, atribuindo as virtudes da professora como sendo as qualidades da mãe dando ênfase maior no sentimento.

As mulheres sempre foram vinculadas a tarefas consideradas femininas, vistas como suas verdadeiras atribuições. O casamento e a maternidade eram impostos como regra, mantendo-as em papéis limitados e ignorando seus desejos, anseios e direitos. A pressão social para que as mulheres se casassem e se tornassem mães refletia as ideias e concepções de um sistema que restringia e afunilava suas vidas, obrigando-as a seguir padrões delimitados pela sociedade. Louro (2011) argumenta que as justificativas para o favorecimento da instrução feminina nas escolas, tanto como discentes quanto como docentes, estavam sempre

vinculadas à educação dos filhos e filhas. Partindo dessa reflexão da autora, é possível articular essas demandas históricas com a feminização do magistério, pois é a partir desses discursos que ocorre a vinculação do amor materno ao desenvolvimento integral das crianças, posicionando a mulher como figura materna essencial para a formação das meninas e meninos que fazem parte da escola. Para Louro (2011, p. 100):

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado [...].

Apesar de serem inseridas no mercado de pesquisas, especificamente na docência, os cargos ocupados por mulheres eram sempre cargos no âmbito do cuidado e subordinados a homens. Mariana Mazzini Marcondes (2013) acentua que as mulheres sempre foram colocadas nesse lugar de responsabilidade pelo cuidado. Para a autora, o cuidado carrega consigo uma incumbência feminina, de modo que essa atividade se relaciona com as mulheres, tanto no âmbito familiar quanto no mercado de pesquisas. Além disso, existem as circunstâncias recorrentes, em que as mulheres precisam conciliar a sua pesquisa doméstica com a carga horária de pesquisas formais.

Vianna (2013) alega que atualmente a profissão docente ainda é composta majoritariamente por mulheres, especificamente em determinadas áreas da educação básica. Com dados do ano de 2008, Vianna (2013) traz números expressivos em relação à inserção das mulheres na docência: a Educação Infantil teve como público docente um total de 97,9% mulheres, o Ensino Fundamental teve a presença de 82,2% de mulheres na regência. No Ensino Médio, o público de mulheres na regência de salas de aula cai para 64,1% e, no Ensino Superior, 44,8%.

Segundo dados do INEP⁵ do ano de 2022, o corpo docente do Brasil é composto por mais de 2,3 milhões de profissionais, sendo que, dessa totalidade, 1,8 milhões (79,2%) são professoras mulheres. Os dados retratam que 97,2% das profissionais nas escolas de Educação Infantil são mulheres, no Ensino

⁵ O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é uma entidade administrativa federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil. Sua função é produzir dados, indicadores e avaliações sobre a educação brasileira, em todos os níveis de ensino.

Fundamental de 1º ao 9º ano, as mulheres representam um número de 77,5% e, no Ensino Médio, são 57,5%. Outro dado importante reitera que, no Ensino Superior, 72,5% das matrículas em licenciaturas são de mulheres, sendo que representamos 61% dos 1,3 milhões de concluintes.

Pensando sobre esses números, é possível enxergar que a carreira docente feminina no Ensino Superior é inferior à masculina. Mas por que isso acontece? Com base nas leituras e discussões realizadas, é possível e necessário levar em consideração toda a carga nas mulheres. Podemos pensar e relacionar essa discrepância com as duplas, triplas ou quádruplas jornadas de trabalho, que contemplam o cuidado com o lar, o cuidado com as filhas e filhos e a priorização de outros aspectos que vão afunilando os caminhos e deixando os estudos para um segundo plano.

Também é possível conectar essa atenuação com as percepções que relacionam as mulheres ao cuidado infantil, análogas às ideias segundo as quais as mulheres têm mais “vocaçãõ” e “delicadeza” com as crianças pequenas. Desse modo, Vianna (2013) reitera que, desconstruindo as ideias de cuidado e afeto relacionadas às professoras pela relação de gênero, é possível estabelecer a relação entre essas características com o magistério, questionando e opondo-se às naturalizações que relacionam o afeto apenas às mulheres. Por isso, faz-se imprescindível que, como acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia, consigamos nos posicionar e refletir sobre essas construções sociais históricas através de pré-conceitos marcados por concepções sociais com raízes profundas. Para Marcondes (2013, p. 251):

O cuidado de pessoas é elemento estrutural do que se construiu socialmente como feminino. Seja em casa, nos hospitais ou nas escolas, as mulheres cuidam. Desde a infância até se tornarem idosas, as mulheres cuidam de crianças, idosos, deficientes e mesmo de homens adultos. A existência social feminina realiza-se na medida em que elas cuidam, e, apesar de ser uma atividade essencial para a sustentabilidade da vida humana, o cuidado e quem cuida são desvalorizados(as).

Tal perspectiva aproxima-se da leitura de Rago (1998), quando afirma que é importante que possamos perceber a construção das diferenças sexuais histórica e culturalmente determinadas, quebrando paradigmas e concepções criadas como absolutas no imaginário social. Entendo, assim, a importância de pesquisar e

compreender sobre temas emergentes levando em consideração as desigualdades históricas de gênero produtoras das diferenças nos espaços de trabalho/profissão, especificamente em relação ao magistério, exercício que será mais trabalhado na próxima seção.

3 METAPESQUISA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

Para Michel Foucault (2004), a pesquisa não é apenas uma caça constante por verdades absolutas, mas sim uma prática que questiona as estruturas de poder e as normas sociais. A partir dessa provocação, desafio-me a pensar que pesquisar é procurar, conhecer e contar sobre um acontecimento, questionando as verdades impostas como únicas e imutáveis, a fim de denunciar e demarcar os lugares e relações produtoras das desigualdades nos contextos que vivemos, para então construir novas verdades e nos colocar no jogo entre poder/saber. Conceição (2023) salienta que, ao mergulharmos em uma pesquisa, encontramos também o que não procuramos, por isso se torna necessário fazer escolhas.

Para construir este artigo, busquei estudar e compreender a proposta teórica/metodológica da metapesquisa, tal como abordada por Jefferson Mainardes (2018; 2021). Como percurso metodológico, realizei um estudo/pesquisa que se dedica a colocar lentes sobre a produção acadêmica de um certo tempo histórico de produção de um tema específico. Para Mainardes (2018), a metapesquisa pode ser considerada uma pesquisa sobre pesquisas, em que a pesquisadora ou o pesquisador analisa um conjunto de estudos definidos através de propósitos específicos: um tema norteador, um marco temporal e um periódico de pesquisa. A metapesquisa possibilita construir um material empírico, colaborando para a compreensão de como desenvolver uma pesquisa, aliando o método e técnica durante o seu processo.

Dessa forma, para a construção desta pesquisa, por meio da metodologia da metapesquisa, elegi como marco temporal o período entre os anos de 2020 e 2024, e escolhi como instrumento de pesquisa o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A escolha pelo recorte temporal considerou um período recente de nossa

história, contexto pandêmico⁶ e pós-pandêmico, quando as aulas presenciais haviam sido suspensas, em que vida/morte atordoaram os nossos dias, tempo de negacionismo histórico das ciências, da morte, da vacina, sendo a saúde negligenciada e os discursos negacionistas se propagaram, tidos como verdade única e absoluta. Já em relação ao repositório, proponho o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, local de produção dos dados, no qual busquei um campo de pesquisa atualizado, validado e seguro, que abriga pesquisas de todas as instituições que oferecem programas de pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado, no âmbito brasileiro.

Através destes dois conceitos, gênero e docência, busco investigar pesquisas que abordam questões emergentes sobre a relação desses temas com a etapa da Educação Infantil, partindo das ideias encontradas e problematizadas no campo teórico deste artigo, especialmente em relação às relações de gênero e docência no contexto escolar. Segundo Mainardes (2018), para a realização de uma metapesquisa, é necessário seguir algumas etapas. Primeiramente, é essencial definir uma amostra, que deve ser selecionada de acordo com os propósitos da pesquisa. Esses propósitos incluem a definição de um conjunto de periódicos, um período específico e um tema de pesquisa bem delimitado. Para isso, é crucial estabelecer os referenciais de pesquisa. Seguindo os passos de Mainardes, organizei minha pesquisa da seguinte forma:

- a) Escolhi como periódico de pesquisa o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e, como marco temporal, os anos de 2020 até 2024;
- b) Defini como descritores os termos “gênero”, “docência” e “Educação Infantil”;
- c) Realizei os testes no periódico de pesquisa, a fim de conhecer o procedimento de pesquisa utilizando os descritores entre aspas e com operador booleano AND: “gênero” and “docência” and “Educação Infantil”;
- d) Iniciei as pesquisas e buscas de materiais utilizando os descritores, recorte temporal já definidos, além da grande área de conhecimento como as Ciências Humanas e, como área de conhecimento, a Educação;

⁶ A pandemia de Covid-19 foi oficialmente declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, quando o vírus atingiu uma dimensão global. O contexto pandêmico no Brasil durante a Covid-19 foi marcado por grandes desafios sociais, políticos e econômicos, repleto de negligências e negacionismo por parte dos governantes e certos grupos, o que causou muitas mortes e tristezas para o País.

- e) Obtive 26 pesquisas como resultado de pesquisa;
- f) Criei uma planilha no *Excel* com as seguintes informações: ordem da CAPES, seleção, título de pesquisas, palavras-chave, resumo, autora ou autor, ano de produção, universidade, referências das pesquisas e se tese ou dissertação;
- g) Organizei todos os textos encontrados na planilha, fiz o *download* dos arquivos disponíveis, identificando-os através do número de ordem e título do material;
- h) Marquei como selecionadas as pesquisas que estavam dentro da proposta envolvida na minha pesquisa, em total de 9. Destas, 7 contemplavam a temática dos homens na Educação Infantil e 2 traziam questões mais relacionadas à importância da discussão da temática de gênero desde a etapa da Educação Infantil. Os materiais descartados não contemplavam os temas em questão.
- i) Leitura dos resumos dos artigos e em alguns casos precisei fazer a leitura das pesquisas na íntegra para qualificar a análise crítica.

Após a construção da tabela e a leitura dos resumos, foram selecionadas nove dissertações que atenderam aos critérios da pesquisa. Destas, quatro pesquisas são de instituições federais, três de instituições estaduais e duas de instituições privadas, sendo todas dissertações. Em relação à distribuição temporal, verificou-se que quatro dissertações foram publicadas em 2021, duas em 2022 e três em 2023. Importante destacar que, até o momento da análise, não houve publicações referentes ao ano de 2024. Das nove pesquisas encontrados, oito estão disponíveis na íntegra, o que possibilita uma análise mais detalhada dos seus conteúdos.

Quadro 1 – Distribuição das pesquisas encontradas, organizadas por ano de publicação e tipo de instituição à qual estão vinculados

NÚMERO DE PESQUISAS ENCONTRADAS	2021	2022	2023	INSTITUIÇÃO ESTADUAL	INSTITUIÇÃO FEDERAL	INSTITUIÇÃO PRIVADA
	4	2	3	3	4	2

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 2 – Pesquisas selecionadas para a realização da metapesquisa

ANO	TIPO	AUTOR (A)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2023	Dissertação	Leonardo Felipe Duarte	Gênero e educação: o que pensam os professores homens sobre a sua inserção e atuação em instituições de Educação Infantil?	UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO
2021	Dissertação	Diego Paiva Bahls	Gênero e docência na Educação Infantil: a produção de masculinidades docentes em discursos jurídicos e midiáticos em tempos ultraconservadores	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
2022	Dissertação	Márcia de Oliveira Romão	Masculinidades em salas de aula da Educação Infantil da rede municipal de Educação de Niterói	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
2022	Dissertação	Antonio Marcos de Sousa Barbosa Miranda	Ser professor homem nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) de Belo Horizonte: desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professores	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2023	Dissertação	Lucas Kamers de Aguiar	As contradições das relações entre patriarcado, capital e pesquisas expressas na atuação de professores homens na Educação Infantil	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
2023	Dissertação	Daniel José da Silva	Homens na Educação Infantil: desafios e perspectivas de professores atuantes na rede municipal de um município do Triângulo Mineiro	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
2021	Dissertação	Camilla Ketellen Silva Gaspar	Docência no Brasil: a professora da educação básica	UNIVERSIDADE DE UBERABA
2021	Dissertação	João Fernando de Araújo	Entre bolas e bonecas, panelas e carrinhos: percepções acerca das questões de gênero e sexualidade em pesquisas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
2021	Dissertação	Tuany Cristina Carvalho	Discursos de professor/as da Educação Infantil a respeito das relações de gênero: um olhar para os “cantinhos” pedagógicos	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Fonte: Elaborado pela autora.

As nove pesquisas selecionadas para compor as categorias de análise crítica revelam recorrências que me motivam a problematizar as relações de gênero e a docência na Educação Infantil, destacando questões específicas sobre a inserção de homens e mulheres nessa etapa. Essas pesquisas foram organizadas em duas categorias analíticas: o não lugar dos homens na Educação Infantil e a importância do conceito de gênero para as crianças.

3.1 O NÃO LUGAR DOS HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta primeira categoria analítica, apresento as sete pesquisas encontradas que abordam a presença dos homens na etapa da Educação Infantil. Essas pesquisas destacam as dificuldades enfrentadas pelos professores homens ao ingressarem na docência com crianças pequenas, bem como os preconceitos, construções sociais e demandas que enfrentam dentro das escolas. Além disso, trazem dados importantes sobre a superação desses preconceitos, evidenciando que esse processo é lento, mas necessário.

A primeira pesquisa analisada foi uma dissertação de Mestrado que tinha como título *Gênero e educação: o que pensam os professores homens sobre a sua inserção e atuação em instituições de Educação Infantil?*, do autor Leonardo Felipe Duarte, sob orientação da professora Dr.^a Ida Carneiro Martins. Essa pesquisa foi desenvolvida em 2023 na Universidade Cidade de São Paulo, tendo como área do conhecimento a Educação, na linha de pesquisa: subjetividades, formações e aprendizagens. No momento que realizamos a busca, o documento não estava disponibilizado na íntegra no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, sendo possível somente acesso ao resumo.

Sua metodologia é qualitativa e o referencial teórico abrangido pelo autor traz nomes como Scott (1995); Arce (2001); Sayão (2005); Pino (2005); Finco (2007); Moretti e Moura (2010); Eliot (2013); Louro, Felipe e Goellner (2013); Louro (2014, 2015, 2018); Pietro e Muñoz (2020); Duarte et al. (2022). A pesquisa teve como objetivo: identificar como se dá o processo de inserção do professor homem na Educação Infantil para compreender as possibilidades e dificuldades encontradas por eles para a sua inserção nas instituições de Educação Infantil e em seu processo docente cotidiano.

Através da leitura do resumo, foi possível constatar que o autor aborda questões relevantes relacionadas à inserção de professores homens na etapa da Educação Infantil. Os principais questionamentos são: como se dá a inserção e a atuação de professores homens em instituições de Educação Infantil? Quais dificuldades e facilidades eles enfrentam nesse processo? Para a produção do material empírico, o autor realizou um questionário com profissionais do sexo masculino e, após o contato inicial, convidou os participantes para uma entrevista virtual, seguindo um roteiro previamente estruturado.

Os dados foram examinados por meio da análise interpretativa, que consiste em perceber os dados como um processo em constante inter-relação com os princípios teóricos adotados. Por meio dos eixos temáticos, é possível identificar que existem muitas dificuldades para a inserção de professores homens na Educação Infantil.

A partir da análise e reflexão, Duarte (2023) concluiu que existem muitas problemáticas, adversidades e preconceitos relacionados à inserção de professores homens na etapa da Educação Infantil. No entanto, essas dificuldades não devem ser motivo para afastar os homens do espaço das escolas infantis. É essencial que esse ambiente seja ocupado tanto por mulheres quanto por homens, permitindo que a formação das crianças seja integral. Dessa forma, as crianças poderão perceber e constatar que, nas escolas, tanto mulheres quanto homens podem e devem desempenhar funções de cuidado, contrariando os estereótipos de gênero. Essas observações propostas pelo autor são corroboradas por Vianna (2013) quanto à limitação da pesquisa na etapa da Educação Infantil somente às mulheres, por conta desta relação do cuidado somente com o feminino, para a autora:

O cuidado, por exemplo, é visto como uma característica de gênero feminino – para alguns um sentimento natural, para outros, fruto da socialização das mulheres –, muitas atividades profissionais, por exemplo, que se relacionam ao cuidado são consideradas femininas (enfermagem, cuidar de crianças pequenas, Educação Infantil etc.) e até desvalorizadas por esse motivo (Vianna, 2013, p. 173).

A segunda pesquisa analisada, *Gênero e docência na Educação Infantil: a produção de masculinidades docentes em discursos jurídicos e midiáticos em tempos ultraconservadores*, é do autor Diego Paiva Bahls. Essa pesquisa, uma dissertação de Mestrado desenvolvida no ano de 2021, teve como orientador o

professor Dr. Jamil Cabral Sierra e foi realizada na Universidade Federal do Paraná. Sua linha de pesquisa é a diversidade, diferença e desigualdade social em educação e, a área de conhecimento, a educação.

A pesquisa de Bahls (2021) apresenta, no capítulo de introdução, o seguinte objetivo geral: identificar e analisar os discursos jurídicos e midiáticos sobre as representações das masculinidades docentes na Educação Infantil, além de aprimorar discussões que transitam entre gênero e docência. Os objetivos específicos incluem discutir a generificação do trabalho docente, conceituar masculinidades e problematizar e analisar as narrativas em disputa no Projeto de Lei N. 1174 de 2019, bem como nos discursos midiáticos sobre as masculinidades na docência da Educação Infantil.

A metodologia do estudo é uma pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa, organizada em sete capítulos que abordam a temática em questão. O autor utiliza a análise do discurso foucaultiana como ferramenta metodológica, estruturada em duas grandes categorias: Espaço escolar e Afetividade/Cuidado. Essas categorias visam notificar sobre as narrativas relacionadas às masculinidades na docência na etapa da Educação Infantil, potencializando a ideia de que a masculinidade é perigosa e tornando a figura masculina autoritária e punitiva, especialmente em funções que exigem contato corporal.

A leitura do resumo não revelou alguns pontos importantes, como os principais referenciais teóricos. No entanto, como a pesquisa possui a versão completa disponível no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, foi possível realizar uma leitura mais ampla e atenta ao material. Isso permitiu encontrar considerações específicas através de uma busca cuidadosa. O autor utiliza como referencial teórico autores como Butler (2000; 2018), Castro (2014; 2016), Catani (1997), Dal'Igna (2021), Fisher (2020) e Foucault, entre outros.

O autor utiliza reportagens que abordam a inserção de homens na Educação Infantil e as dificuldades enfrentadas. Essas reportagens são importantes e impactantes, retratando a realidade do dia a dia de homens dentro das escolas de Educação Infantil. Após uma análise bibliográfica atenta, o autor conclui que existe uma produção de uma docência onde o cuidado é majoritariamente articulado ao feminino, tornando a docência masculina na Educação Infantil um sinônimo de

perigo. Isso enfatiza que o afeto e o carinho são vistos pela sociedade como características exclusivamente femininas.

O autor destaca a importância de quebrar paradigmas e eliminar discursos excludentes, tensionando as concepções sociais relacionadas às infâncias e à feminilidade e masculinidade nas docências. Isso corrobora a afirmação de Marcondes (2013), que discute a feminização das profissões e a divisão sexual do trabalho relacionado ao cuidado, causando uma separação de gênero significativa em determinadas carreiras. Essas afirmações evidenciam como o gênero opera, especialmente na etapa da Educação Infantil, em que as mulheres são mais presentes e a sociedade enxerga características como paciência, docilidade e delicadeza como pré-requisitos fundamentais para trabalhar com crianças pequenas, resultando na exclusão dos homens.

A terceira pesquisa analisada é uma dissertação de Mestrado que tem o título *Masculinidades em salas de aula da Educação Infantil da rede municipal de Educação de Niterói*. O estudo foi construído pela autora Márcia de Oliveira Romão no ano de 2022, com orientação da professora Dr.^a Rosa Malena de Araújo Carvalho, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Sua linha de pesquisa é: políticas, direitos e desigualdades. A área de conhecimento é: educação - processos formativos e desigualdades sociais. A autora aponta na introdução da pesquisa o seu objetivo geral: refletir sobre formas plurais de se exercer as masculinidades pautadas na igualdade e na solidariedade, dentro da docência. Seus objetivos específicos são uma forma de aprimorar a robustez da pesquisa, como: mapear o quantitativo de docentes homens da Rede Municipal de Educação de Niterói que atuam na Educação Infantil; identificar os processos de inclusão/exclusão dos docentes homens em “território” construído como feminino; caracterizar masculinidades no contexto escolar.

Segundo a autora, sua metodologia incluiu os seguintes passos: pesquisa exploratória e levantamento de base teórica, pesquisa documental, entrevistas guiadas por roteiros com 10 professores homens que atuavam em três escolas municipais de Educação Infantil na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, e, por fim, a tabulação e análise dos dados. Embora o resumo não tenha identificado os principais referenciais teóricos, uma leitura mais detalhada do material disponibilizado na íntegra no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes revelou

que as análises foram realizadas sob a perspectiva de gênero e da materialização do fenômeno corpo, utilizando referenciais teóricos como Scott (1995), Louro (2018), Connell (2016) e Butler (2019), entre outros.

Como conclusão da pesquisa, Romão (2022) argumenta que as questões de gênero estão ativas e afetam diretamente as construções do feminino e do masculino, sendo constantemente influenciadas pelo conservadorismo e pelo patriarcado. Essas influências reproduzem práticas cotidianas dentro das escolas e instituições de ensino. Além disso, a autora disponibilizou no apêndice a entrevista estruturada e o questionário utilizado com os docentes, algo importante para compreender a produção dos dados empíricos e a metodologia adotada.

Por meio de suas observações, é possível refletir sobre o que Louro (2011) enfatiza: o magistério, especialmente na etapa da Educação Infantil, assume como verdadeiras as relações em que a ação das professoras se assemelha à ação das mulheres no lar. Conseqüentemente, os homens enfrentam uma distinção significativa ao ingressar na docência com crianças pequenas.

A quarta pesquisa analisada é também uma dissertação de Mestrado do ano de 2022, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, sob o título *Ser professor homem nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) de Belo Horizonte: desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professores*, do autor Antonio Marcos de Sousa Barbosa Miranda e com orientação da professora Dr.^a Isabel de Oliveira e Silva. Sua linha de pesquisa é Infância e Educação Infantil e, sua área de concentração, é a Educação.

Para a construção da pesquisa, Miranda (2022) estabeleceu o seguinte objetivo geral: analisar como os professores homens compreendem suas práticas docentes na Educação Infantil e sua relação com a comunidade escolar nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) de Belo Horizonte. Além disso, a dissertação apresenta os seguintes objetivos específicos: compreender as razões que levaram os professores homens a ingressarem e a permanecerem na docência na Educação Infantil; identificar e analisar os principais desafios enfrentados por esses professores; analisar como eles avaliam as interações com colegas professoras e o núcleo gestor das instituições; identificar e analisar como eles avaliam as interações com as crianças; e identificar e analisar como eles avaliam suas interações com as famílias das crianças.

A metodologia da pesquisa foi qualitativa e dividida em duas etapas. A primeira envolveu a aplicação de questionários e a análise dos dados obtidos a partir das respostas de 14 professores das EMElS de Belo Horizonte. A segunda etapa consistiu em entrevistas com 3 professores selecionados. O referencial teórico da pesquisa não foi anunciado no resumo, exigindo uma leitura mais detalhada do material disponibilizado. Os autores que sustentam a pesquisa incluem Louro (2007), Nóvoa (1995), Ramos (2007, 2010, 2011) e Vianna (2002), entre outros.

Por fim, o autor conclui que um dos principais desafios enfrentados pelos professores homens na Educação Infantil é a desconfiança das famílias e das colegas professoras. Ele destaca o apoio das gestões na luta pela permanência desses profissionais nas escolas, buscando a aceitação das famílias e das crianças. Além disso, enfatiza a importância da presença masculina nas escolas de Educação Infantil para desconstruir os modos como compreendemos o gênero nas práticas sociais, que frequentemente naturalizam a presença exclusiva das mulheres no ato de cuidar. A pesquisa revela que o cuidado é frequentemente naturalizado como uma atividade feminina, uma problemática já apontada em outras pesquisas analisadas. Assim, é possível refletir sobre os estudos de Vianna (2013), que problematizam a maioria feminina na educação básica, demonstrando como o gênero organiza os lugares de homens e mulheres no trabalho docente.

A quinta pesquisa selecionada para análise foi uma dissertação de Mestrado, defendida em 2023 na Universidade Federal de Santa Catarina com o título *As contradições das relações entre patriarcado, capital e pesquisas expressas na atuação de professores homens na Educação Infantil*. O autor, Lucas Kamers de Aguiar, teve como orientadora a professora Dr.^a Soraya Franzoni Conde, tendo como linha de pesquisa: educação e política; e, como área de conhecimento, educação. Durante a leitura do resumo, foi possível identificar o objetivo geral da pesquisa: compreender e analisar as condições que permeiam a atuação dos professores homens na Educação Infantil diante das contradições da sociedade capitalista. Os objetivos específicos não foram apresentados no resumo, mas foram encontrados na seção de justificativa, descritos como: compreender criticamente as relações entre uma concepção inatista de desenvolvimento humano e educação, a opressão às mulheres na sociedade capitalista e a docência masculina na Educação Infantil; refletir como a relação entre a valorização social do trabalho produtivo e a

desvalorização do trabalho reprodutivo se expressa na docência na Educação Infantil; e mapear e analisar as tendências teóricas e metodológicas das produções acadêmicas sobre a temática, visando perceber as contribuições, limites e possibilidades para o avanço da área, além de apreender como dilemas, contradições, potencialidades e problemas dos professores homens na Educação Infantil se expressam nas políticas para a educação no Brasil.

Na seção de metodologia, o autor apresenta os referenciais teóricos que sustentam o estudo: Mézáros (2008; 2011), Saffioti (1979; 2015), Engels (2017), Federici (2017), Arruzza, Battacharya e Fraser (2019), Lerner (2019), Wolf (2021) e Vogel (2022). O percurso teórico-metodológico da pesquisa se inscreve no materialismo histórico-dialético.

A construção da pesquisa de Aguiar (2023) foi dividida em alguns passos. Primeiro, realizou uma revisão analítica da bibliografia histórica e sociológica envolvendo a opressão feminina na sociedade atual. Segundo, realizou uma revisão da produção acadêmica sobre a temática em questão. Terceiro e último, analisou projetos de leis e documentos educacionais brasileiros que promovem diálogos negativos sobre gênero e classificam professores do sexo masculino na etapa da Educação Infantil.

O autor enfatiza que a pesquisa coloca em pauta as problemáticas relacionadas aos homens atuantes na Educação Infantil, destacando o estranhamento da sociedade com essa presença e a naturalização do cuidado como uma extensão da educação e do ambiente doméstico, sempre relacionado às mulheres. Por fim, Aguiar (2023) conclui que, pouco a pouco e em passos lentos, essa situação vem sendo superada, possibilitando aos homens cada vez mais a inserção nessa etapa de ensino, demonstrando a destruição do patriarcado e do modo de produção capitalista.

A sexta pesquisa analisada tem como título *Homens na Educação Infantil: desafios e perspectivas de professores atuantes na rede municipal de um município do Triângulo Mineiro*, do autor Daniel José da Silva. Silva (2023), que defendeu sua dissertação de Mestrado no ano de 2023, na Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do professor Dr. Vagner Matias do Prado. Sua área de conhecimento foi a educação e, a linha de pesquisa, saberes e práticas educativas. O estudo não está disponibilizado na íntegra no Catálogo de Teses e Dissertações

da Capes, o que limitou a apresentação de alguns dados, já que não foram elencados no resumo, no qual não consta também o referencial teórico. O objetivo descrito é: identificar desafios e perspectivas sobre o trabalho de homens, atuantes como professores regentes na Educação Infantil, em um município situado na região do Triângulo Mineiro. Os instrumentos para a geração de dados foram um questionário, com questões abertas e fechadas, e a condução de entrevistas semiestruturadas. Participaram do estudo três professores.

Quanto à metodologia, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando questionários e entrevistas semiestruturadas como instrumentos para a produção de dados. Os participantes da pesquisa foram três profissionais, todos docentes homens. O apuramento da pesquisa revelou, assim como em outras pesquisas analisadas, que a inserção de homens na etapa da Educação Infantil continua sendo um desafio dentro das escolas. Segundo o autor, nas três entrevistas, foi colocado em pauta o preconceito em relação à higienização corporal das crianças por parte dos profissionais do sexo masculino. No entanto, o autor também destacou que, durante as entrevistas, foi possível identificar falas que demonstram uma superação, ainda que em sinais iniciais, das questões e visões sociais relacionadas à relação de gênero e docência na Educação Infantil.

Silva (2023) enfatiza três pontos importantes identificados na pesquisa: a perspectiva de uma mudança na política do país, a expectativa de dias melhores, porquanto a sociedade vem se abrindo gradualmente para novos contextos e realidades, e a perspectiva das redes sociais, que oferecem uma fonte de inspiração e motivação para os professores homens da Educação Infantil. Em conclusão, o autor salienta que, apesar das diferentes perspectivas dos entrevistados, todos expressaram uma esperança de mudança e aceitação dos homens na docência na Educação Infantil.

Por meio da análise das pesquisas de Aguiar (2023) e Silva (2023), é possível notar que, apesar do binarismo produzido no contexto da docência feminina e masculina, especialmente na Educação Básica, estão sendo desenvolvidos modos de enfrentamento às práticas que naturalizam o afeto e o cuidado como essências do feminino. Essas discussões permitem ligar a ideia equivocada de uma docência exclusivamente feminina à história da inserção das mulheres no magistério, uma vez que elas foram colocadas nessa profissão com base em ideais sociais que as viam

como detentoras de virtudes ligadas ao cuidado, à delicadeza, ao afeto e à maternidade. Vianna (2013, p. 177) afirma que:

As práticas femininas e/ou masculinas na docência iluminam os valores expressos e aqueles menos ressaltados pela sociedade. Homens e mulheres se ligam aos seus alunos, privilegiam certo tipo de relacionamento definido como 'mais humano', dedicam-se emocional e pedagogicamente aos alunos com os quais se envolvem e que retribuem, de alguma forma, este empenho.

Dessa forma, podemos pensar a inserção dos homens na etapa da Educação Infantil como um novo movimento, que enfrenta muitas dificuldades e pré-conceitos estabelecidos por uma sociedade machista, que liga o contato e a docência com as crianças pequenas somente às mulheres. A organização da docência de homens e mulheres nessa etapa de ensino, com as crianças pequenas, é marcada por estereótipos de gêneros que se fazem presentes em raízes muito mais profundas do que se é possível enxergar.

Com tais discussões em perspectiva, na próxima categoria analítica apresento pesquisas que dissertam sobre a importância de desenvolver esses temas para/com as crianças para o enfrentamento a essas imposições e preconceitos sociais.

3.2 A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE GÊNERO PARA/COM AS CRIANÇAS

Nesta categoria analítica, trago duas pesquisas que dissertam sobre a importância de se trabalhar temáticas e conceitos relacionados à diversidade de gênero com as crianças. A primeira pesquisa apresentada nesta categoria analítica é uma dissertação de Mestrado denominada *Entre bolas e bonecas, panelas e carrinhos: percepções acerca das questões de gênero e sexualidade no trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil*, de João Fernando de Araújo. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina no ano de 2021, sob orientação da professora Dr.^a Adriana Regina de Jesus. A área de conhecimento foi a Educação Escolar e, a linha de pesquisa, Docência: saberes e práticas. A pesquisa de Araújo (2021) apresenta o seguinte objetivo: compreender, por meio das percepções e práticas relatadas por professores/as, se as questões de gênero e sexualidade estão sendo abordadas e discutidas no trabalho pedagógico desenvolvido no espaço formativo da Educação Infantil. Os objetivos específicos da

pesquisa foram: analisar a conceituação acerca dos marcadores sociais gênero e sexualidade, para que possamos compreendê-los de forma objetiva; analisar interfaces, contextos e fundamentos da Educação Infantil no contexto da contemporaneidade, para que possamos perceber como se estrutura o trabalho pedagógico nessa etapa; conhecer as políticas públicas educacionais para a Educação Básica e para a Formação de Professores, a fim de identificar como estas norteiam o trabalho pedagógico para a abordagem das questões de gênero e sexualidade; refletir sobre as percepções e práticas relatadas por professores/as acerca da abordagem e discussão das questões gênero e sexualidade no trabalho pedagógico desenvolvido no espaço formativo da Educação Infantil, a fim de identificar se as temáticas estão sendo abordadas pelos e pelas docentes, e, caso estejam, por meio de quais práticas essas discussões estão sendo desenvolvidas.

A pergunta mobilizadora da pesquisa foi: pensando na função social da educação na luta pela valorização e respeito às diferenças e à diversidade, como o trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil tem abrangido questões referentes a gênero e sexualidade de forma a contribuir para a formação de sujeitos mais respeitosos e menos preconceituosos? O autor utilizou como referencial teórico Butler (2000; 2004), Felipe (2013; 2020), Foucault (1988; 1989; 1999; 2008), Freire (1967; 2000; 2002), Louro (1997; 2000; 2013; 2020), Marx (2006; 2013), Souza (2021), Vianna (2020), entre outros. A pesquisa de João Fernando de Araújo (2021) foi realizada durante o período da pandemia de Covid-19, que afetou o mundo com o isolamento social e causou em nosso país a morte de mais de 700 mil pessoas, entre adultos e crianças. O autor aponta que a metodologia do estudo consistiu em uma pesquisa baseada na abordagem crítico-dialética tendo, como parâmetro de análise, as teorias Feministas e os Estudos Culturais, através da realização de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Durante o movimento de pesquisa, foi construído um formulário *online* na plataforma do *Google Forms* que foi destinado às docentes que atuam na etapa da Educação Infantil do País.

Em relação aos resultados encontrados, o autor salienta que os docentes estão desenvolvendo atividades que abordam o tema de gênero e sexualidade por meio de brincadeiras, literatura infantil e rodas de conversa. Essas atividades focam em brinquedos e cores que são tradicionalmente associados a meninas ou meninos. Araújo (2021) enfatiza que essas práticas permitem perceber um movimento de

recontextualização das relações sociais que geram desigualdades relacionadas a gênero e sexualidade. No entanto, o autor também observa que alguns docentes ainda reproduzem uma visão biologizante de gênero e sexualidade. Além disso, o autor aponta que as políticas públicas abordam a temática de gênero e sexualidade de maneira superficial, especialmente na formação inicial de professoras e professores.

Apresento a última pesquisa analisada, uma dissertação de Mestrado com o título *Discursos de professor/as da Educação Infantil a respeito das relações de gênero: um olhar para os ‘cantinhos pedagógicos’*, de autoria de Tuany Cristina Carvalho. A pesquisa foi realizada em 2021 com a orientação da professora Dr.^a Betina Heerdt, na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Sua área de conhecimento é a Educação e, sua linha de pesquisa, Ensino e Aprendizagem. A pesquisa de Carvalho (2021) teve como objetivo principal: analisar os discursos e as práticas produzidas pelos/as professores/as a respeito das relações de gênero nos “cantinhos” pedagógicos na Educação Infantil. Como objetivos específicos da pesquisa, elencaram-se: (re)pensar os discursos que circulam entre os/as professores/as a respeito de ser homem e mulher na docência da Educação Infantil; identificar como se estruturam discursos e práticas pedagógicas dos/as professores/as para a formação dos sujeitos infantis, com o olhar para o gênero; compreender as práticas discursivas, como professores/as pensam, organizam e utilizam os espaços (“cantinhos” pedagógicos) e brinquedos para meninos e meninas.

Carvalho (2021) utilizou como referencial teórico autores como Bujes (2001; 2007), Paraíso (2014), Louro (1997; 2004) e Finco (2003; 2005; 2010), enfatizando a perspectiva de Foucault na construção do seu estudo. Como metodologia, a autora enfatiza que a pesquisa é qualitativa, tendo coletado dados por meio de entrevistas semiestruturadas com um professor e cinco professoras que atuam na Educação Infantil da rede pública do município de Ponta Grossa. A autora ressalta que, em relação aos discursos e práticas sociais, a mulher é vista como a figura natural para trabalhar com crianças pequenas na Educação Infantil, enquanto os homens e seus comportamentos são frequentemente questionados. Dessa forma, dentro das salas de aula, as crianças têm seus comportamentos pré-definidos com base em seu sexo, o que controla suas vidas e corpos. A autora menciona que os “cantinhos”

pedagógicos poderiam ser uma oportunidade para promover equidade de gênero desde a educação básica. No entanto, ao invés disso, eles frequentemente reforçam os discursos e concepções sociais que acentuam as diferenças de gênero entre as crianças. Carvalho (2021) aponta que a ampliação das possibilidades em relação à temática de gênero na Educação Infantil proporciona múltiplas vivências e descobertas, quebrando o paradigma da transmissão de desigualdades sociais relacionadas ao gênero.

A escola é um espaço que abrange diversas diversidades, tornando essencial desenvolver propostas que abordem essas diferenças com as crianças. Lins, Machado e Escoura (2016) discutem a importância de tratar temas relacionados a gênero e sexualidade nas escolas e destacam a urgência de formar professoras e professores para que possam incluir esses temas em suas aulas. Para eles:

A formação continuada de professoras/es, gestoras/es e toda a equipe técnica deve estar voltada para a percepção das questões de gênero. Em se tratando de práticas naturalizadas em nosso cotidiano, é importante que muita energia e esforço contínuo sejam despendidos no questionamento de nossas ações e preconceitos, visando construir uma escola mais acolhedora (Lins; Machado; Escoura, 2016, p. 75).

Por intermédio da análise dos estudos levantados ao longo da pesquisa, movimente-me meu pensar para uma reflexão sobre a importância de trabalhar as temáticas relacionadas a gênero com as crianças na Educação Infantil.

4 ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
(Francisco..., 2017).

Início a conclusão desta pesquisa com uma epígrafe, como forma de mobilização, visando uma metamorfose das imposições e construções sociais que organizam nossos modos de existir. O objetivo é movimentar pensamentos que potencializem resistências e questionem as “verdades” produzidas que teimam em

nos cercar e silenciar. É necessário reinventar nossa caminhada, em busca e luta constantes, para que tenhamos locais e espaços que nos acolham ou que se permitam vivenciar mobilizações e transformações nas esferas de gênero, dispondo-se a um processo de mudança e ressignificação das ideias patriarcais que nos inferiorizam e nos emudecem.

Retomo meu objetivo, que era analisar e descrever os modos como os conceitos de gênero, docência e Educação Infantil aparecem em pesquisas acadêmicas, utilizando como campo de estudo o que foi produzido e armazenado no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes entre os anos de 2020 e 2024. Dentro dessas pesquisas, realizadas através dos termos booleanos “gênero”, “docência” e “Educação Infantil”, foi possível identificar nove pesquisas. A partir das análises e reflexões sobre os trabalhos selecionados, foi possível identificar e dividi-los em duas categorias analíticas: o não lugar dos homens na Educação Infantil e a importância do conceito de gênero para/com as crianças.

Percebe-se este elemento recorrente em grande parte dos estudos analisados: as dificuldades que os homens enfrentam ao adentrar o espaço de uma escola de Educação Infantil, ambiente no qual, majoritariamente, as docentes são mulheres. É possível associar todo o processo de feminização que o magistério passou com a dura realidade apresentada em muitas das pesquisas analisadas, onde reiteram os preconceitos que os homens que adentram as portas da Educação Básica enfrentam. Muitas dessas leituras retratam a associação do ato do cuidado ao feminino, apresentando essas convicções sociais como principal obstáculo às conquistas e mudanças em relação aos preconceitos sofridos pelos professores homens que exercem sua docência junto às crianças pequenas. Apesar disso, alguns autores salientaram que já existe um movimento significativo de superação dessas crenças e princípios sociais que vinculam a docência na educação básica exclusivamente às mulheres.

Destaco a importância dessas investigações sobre gênero como um fortalecimento das resistências contra os preconceitos que afetam tanto mulheres quanto homens. Além disso, há a necessidade de desconstruir estereótipos de gênero relacionados à docência. Essa reflexão revela um movimento significativo, pois evidencia as construções sociais dominantes que menosprezam as mulheres e, conseqüentemente, também inserem os homens nessa luta. Essa inserção não

ocorre de maneira dicotômica, mas como parte ativa, conjunta, positiva e constante de um processo de fratura dos discursos equivocados sobre a relação entre gênero e docência. Pensar na presença masculina nas pesquisas de gênero é uma forma de questionar e rebater as imposições e determinações sociais que produzem modos e lugares específicos para mulheres.

Afirmo a importância de trabalhar temáticas de gênero desde a Educação Infantil, considerando que a escola é um espaço que abrange múltiplas diversidades. Compreendo que a temática de gênero é essencial para o desenvolvimento integral de meninas e meninos e para a promoção de uma mudança nas raízes patriarcais de nossa sociedade. Todos devem lutar por seus direitos e ter a liberdade de ser o que desejarem, seja professora, professor, astronauta, médica, médico, arquiteta, arquiteto, entre outras profissões. Falar de gênero traz inúmeros questionamentos e incertezas, pois tudo está em constante transformação. Abordar gênero é se colocar em um lugar de dúvidas e respostas, de certezas e incertezas. É compreender que, para nós, mulheres, tudo sempre foi conquistado por meio de muitas resistências e lutas. E, acima de tudo, falar de gênero é falar sobre comportamentos, expectativas e relações de poder; é buscar um mundo diverso, igualitário e nosso, de todas e todos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lucas Kamers de. **As contradições das relações entre patriarcado, capital e pesquisas expressas na atuação de professores homens na Educação Infantil**. 2023. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

ARAÚJO, João Fernando de. **Entre Bolas e Bonecas, Painéis e Carrinhos: percepções acerca das questões de gênero e sexualidade nas pesquisas pedagógicas desenvolvidas na educação infantil**. 2021. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituição de Ensino, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

BAHLS, Diego Paiva. **Gênero e docência na Educação Infantil: a produção de masculinidades docentes em discursos jurídicos e midiáticos em tempos ultraconservadores**. 2021. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

BRASIL. Lei nº 14.611, de 3 de julho de 2023. *Altera disposições sobre igualdade salarial. Diário Oficial da União*, Brasília, 3 jul. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14611.htm. Acesso em: 15 de out. 2024.

CARVALHO, Tuany Cristina. **Discursos de Professor/as da Educação Infantil a Respeito das Relações de Gênero**: um olhar para os “cantinhos” pedagógicos. 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituição de Ensino, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021.

CONCEIÇÃO, Ana Lúcia Paula da. **Relações entre gênero e docência na educação profissional e tecnológica**: análise da produção acadêmica entre 2010 e 2020. Bento Gonçalves: IFRS, 2023.

DUARTE, Leonardo Felipe. **Gênero e educação**: o que pensam os professores homens sobre a sua inserção e atuação em instituições de Educação Infantil. 2023. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANCISCO, El Hombre. **Triste, louca ou má**. 2017.

GASPAR, Camilla Ketellen Silva. **Docência no Brasil**: a professora da educação básica. 2021. 93 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação Docente para a Educação Básica) – Universidade de Uberaba, Uberlândia, 2021.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Professoras são 79% da docência de educação básica no Brasil**. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil>. Acesso em: 20 maio 2025.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAINARDES, Jefferson. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 303-319, 2018.

MAINARDES, Jefferson (Org.). **Metapesquisa no campo da política educacional**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

MARCONDES, Mariana Mazzini. O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações**. Brasília: Editorial Abaré, 2013. p. 251-279.

MIRANDA, Antonio Marcos de Sousa Barbosa. **Ser professor homem nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs) de Belo Horizonte**: desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professores. 2022. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

NOGUEIRA, Juliana Keller; SCHELBAUER, Analete Regina. Feminização do magistério no Brasil: o que relatam os pareceres do Primeiro Congresso da Instrução do Rio de Janeiro. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 27, 2007.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 89-98, 1998.

ROMÃO, Márcia de Oliveira. **Masculinidades em salas de aula da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Niterói**. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SEFFNER, Fernando; BARZOTTO, Carlos Eduardo. Tira gênero, bota gênero: cultura escolar, diversidade e desigualdade. **Revista Intertérios**, Caruaru, v. 10, n. 19, 2024.

SILVA, Daniel José da. **Homens na Educação Infantil**: desafios e perspectivas de professores atuantes na rede municipal de um município do Triângulo Mineiro. 2023. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

VIANNA, Cláudia Pereira *et al.* A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações**. Brasília: Editorial Abaré, 2013. p. 159-189.